

CHILE

SANTIAGO DO CHILE, março (Pela Panair do Brasil) — Santiago, neste fim de verão, me parece ainda mais bela do que quando a conheci, em junho. São dias dourados e noites suaves, mas essa amenidade do clima, a doçura do céu não está combinando muito bem com a paisagem social. Nem parece que estou no estrangeiro; parece que estou em um Brasil diferente, um Brasil em versão espanhola.

De janeiro de 1954 para janeiro de 1955, o preço dos alimentos aumentou de 77 por cento, o de combustíveis e luz de 66,2 por cento, o de vestuário de 59,8 por cento e o custo de vida em geral de mais de 69 por cento.

O dólar sobe; a política ferve. Na primeira semana que aqui passei, houve, além de numerosos boatos, a reforma de quatro generais do Exército, um deles o comandante-em-chefe, por questões políticas. O sr. Jorge Prat (que esteve na última Conferência de Quitandinha) e que deixara de ser ministro da Fazenda para ser apenas presidente do Banco do Estado, foi convidado a renunciar a esse posto e acusado pelos jornais de estar conspirando; responde que, pelo contrário, foi ele quem fez abortar uma conspiração em dezembro último.

Sou funcionário, aqui, de um governo estrangeiro, e não me cabe opinar sobre isto ou aquilo; apenas contemplo tudo isso com uma simpatia muito natural em um brasileiro. Simpatia no sentido português e também no sentido inglês da palavra.

Mas o fato é que, como o Brasil, o Chile está crescendo. No meio de todas essas dificuldades ele constrói sua indústria, saneia e educa seu povo; anda para a frente. Leio em um jornal que isso não pode continuar assim, que a voragem da inflação chegará a um "ponto crítico" além do qual o país não poderá funcionar... Mas na subida do Cêrro Santa Lucia, entre as imensas árvores de um verde-escuro, vejo um casal que avança de mãos dadas. É sábado de tarde; eles são gente modesta, o sol brilha nos cabelos alourados da moça. Ele diz alguma coisa, ela ri. O Chile continua.

24/3/55 R. B.